

As contribuições de José Gaos e Francisco Romero à história das idéias na América Latina

Eugênio Rezende de Carvalho *

Resumo

A comunicação pretende explorar comparativamente as contribuições do filósofo espanhol exilado no México, José Gaos (1900-1969), e do filósofo argentino de origem espanhola, Francisco Romero (1891-1962), para a constituição do movimento intelectual latino-americano de história das idéias, em torno de 1940. Pretende-se demonstrar como ambos os filósofos dariam início, de forma independente e paralela, a um amplo e intenso trabalho de produção, organização, orientação, incentivo e difusão dos estudos de história das idéias, inicialmente restrito ao âmbito de seus respectivos países. Tais iniciativas pioneiras de Gaos e Romero iriam paulatinamente se integrar, a partir de 1940, num amplo movimento intelectual de história das idéias que logo se estenderia a todo o continente americano, numa vigorosa corrente de reflexão e estudos sobre a história do pensamento latino-americano, bem como sobre aquelas que seriam as características essenciais e originais desse pensamento.

Palavras-chave: José Gaos - Francisco Romero - História das Idéias

Abstract

The communication intends to analyse comparatively contributions from the Spanish philosopher exiled in Mexico, José Gaos (1900-1969), and also from the Argentinian philosopher of Spanish origin, Francisco Romero (1891-1962), to establish the intellectual movement of the Latin-America history of ideas, around 1940. It is intended to reveal how both philosophers would initiate, independently and in parallel way, a large and intense work of production, organization, guidance, support and dissemination regarded to the studies of history of ideas, initially restricted to the extent of their respective countries. Such pioneering initiatives of Gaos and Romero would gradually be incorporated, in 1940, into a full intellectual movement of history of ideas that soon would expand throughout the entire American continent, in a vigorous chain of reflection and studies on the history of Latin-American thought, in addition to the essential and original characteristics of this thought.

Keywords: José Gaos - Francisco Romero - History of Ideas

A Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e seus desdobramentos foram decisivos para o surgimento do movimento da história das idéias na América Latina, pois, com a derrota republicana no conflito, intelectuais espanhóis buscaram refúgio em diversos países hispano-americanos. Um grupo desses exilados se dirigiu à capital do México, em 1938, quando foram recebidos pelo então presidente Lázaro Cárdenas na recém-fundada *Casa de España* no México, que foi transformada em 1940 no *Colegio de México*. Fazia parte desse grupo o filósofo José Gaos (1900-1969), ex-reitor da Universidade de Madri, que havia aceitado o convite de dois importantes acadêmicos mexicanos, Alfonso Reyes e Daniel Cossío Villegas, para integrar-se à *Casa de España*.

* Universidade Federal de Goiás – UFG, Doutor em História Social e das Idéias (UnB), Pesquisador CNPq.

Em 1940, José Gaos organiza no *Colegio de México* um seminário “para o estudo do pensamento nos países de língua espanhola”, em convênio com a Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Autônoma do México (UNAM). Gaos pretendia, nesse Seminário, analisar as obras mestras da história do pensamento mexicano, considerando que os mexicanos chegariam a formular um pensamento original baseado no conhecimento e na reflexão sobre o seu próprio passado filosófico. Com base em tal pressuposto, ele promoveu os estudos de história das idéias, num primeiro momento no México e, posteriormente, no âmbito mais geral da Hispano-América. É óbvio que esse novo campo do saber exigia uma prévia definição dos sentidos e alcances, bem como de suas relações com a tradicional história da filosofia, que era igualmente objeto de atenção dos participantes do Seminário (ROIG, 1984: II).

A preocupação de Gaos pelo estudo da história das idéias ou do pensamento na Hispano-América deve ser compreendida em função da presença – em sua formação e bagagem filosófica – de certas vertentes do historicismo e, sobretudo, das idéias de Ortega y Gasset. Quando era estudante na Faculdade de Filosofia e Letras da então Universidade Central de Madri, Gaos estabeleceu um estreito convívio filosófico com o seu então mestre Ortega, de quem iria assimilar uma série de princípios filosóficos, dentre os quais a tese do circunstancialismo histórico¹, da qual se tornou um dos principais defensores e difusores na Hispano-América. Para Ortega, a idéia – que não é portadora de um conteúdo ou de um sentido em si mesma – é uma *ação* que o indivíduo realiza, em uma determinada circunstância e com uma finalidade precisa, de tal maneira que tal circunstância e tal finalidade são imprescindíveis para a compreensão dessa idéia.

Nessa perspectiva, não há idéias eternas, já que toda idéia estaria subordinada à circunstância específica na qual exerce uma determinada função. É mediante a incorporação dessa tese orteguiana do circunstancialismo histórico que, a partir de sua chegada ao México, Gaos lança as bases de uma história das idéias como uma disciplina autônoma – em substituição à história da filosofia tradicional –, valorizando o estudo e a originalidade de certas categorias filosóficas emanadas da realidade cultural hispano-americana e reproduzidas nas obras de seus pensadores.

Por outro lado, o legado filosófico de Ortega ofereceu a Gaos a possibilidade de uma filosofia útil à vida e a um desenvolvimento nacional que buscasse suas raízes na própria

¹ Em um estudo sobre o legado das idéias de Ortega y Gasset na América Latina, através principalmente de Gaos e das suas influências no interior do movimento da história das idéias latino-americanas, SANTAMARÍA GARCÍA (1993) analisa especificamente esse circunstancialismo histórico orteguiano.

história e na própria tradição intelectual, sem menosprezar as contribuições exteriores. Por meio desse legado filosófico, o intelectual encontrava seu papel não somente na reflexão latino-americana sobre si mesma, mas também na elaboração de um pensamento útil para a realidade social em que se encontrava (SANTAMARÍA GARCÍA, 1993: 305). Foi com essa dupla finalidade que Gaos fundou e dirigiu os seus seminários no *Colegio de México*, onde, sob a sua orientação, se formaram diversos pensadores mexicanos, alguns de grande importância no desenvolvimento posterior do movimento da história das idéias, como é o caso de Leopoldo Zea.

Ao abordar a significativa contribuição de Gaos, Zea considerou que a história das idéias era a história de como os pensadores latino-americanos foram recebendo e assimilando as expressões da filosofia européia (escolástica, racionalismo, ilustração, positivismo, espiritualismo, historicismo e existencialismo). O sentido da almejada peculiaridade do pensamento ou filosofia latino-americana, tão amplamente defendida por Gaos, residiria precisamente na transformação de tais expressões filosóficas em instrumentos originais para a solução dos problemas específicos da realidade latino-americana (ZEA, 2000: 39-40).

As linhas gerais da posição filosófica de Gaos, cristalizada em sua experiência com a nova realidade histórica hispano-americana, aparecem já de modo incipiente em suas primeiras conferências e, de forma mais sistemática, a partir de 1939, quando formula suas teses centrais de uma “filosofia da filosofia”² (Cf. GÓMEZ-MARTÍNEZ, 1991: 58). Essa *filosofia da filosofia* de Gaos não consistia em uma nova disciplina filosófica, mas apenas no resultado da atividade de auto-reflexão do filósofo, que surge quando ele se coloca como um indivíduo concreto. Em seu projeto de estudar o passado filosófico ibero-americano, como passo prévio para o reconhecimento da sua existência, ele dedicou-se às primeiras leituras sobre a produção filosófica do México daquela época, quando então descobriu a originalidade das obras de alguns filósofos mexicanos contemporâneos a ele.

Mas foi a leitura, ainda em 1938, do livro *El perfil del hombre y la cultura en México* (1934), do filósofo mexicano Samuel Ramos (1897-1959), que mais chamou a atenção de Gaos. Conforme expressou em uma resenha publicada em 1939, ele percebeu uma grande semelhança entre essa obra e as *Meditaciones del Quijote*, de Ortega y Gasset.

Nesse livro, Ramos abordava a personalidade do mexicano com base em uma perspectiva psicológica, com certa ênfase na problemática questão do complexo de inferioridade. Tratava-se, assim, de um ensaio pioneiro de interpretação da cultura no México.

² Sobre o tema Gaos publicaria mais tarde, em 1947, o livro *Filosofía de la filosofía e historia de la filosofía*.

Muito embora integrasse um seletivo grupo de intelectuais mexicanos de sua época e apesar de sua condição de discípulo de Antônio Caso, um dos mais importantes filósofos do México naquele momento, Ramos era uma figura de pouca expressão no ambiente filosófico de seu país. Sua relativa projeção no cenário intelectual e filosófico mexicano, alcançada apenas posteriormente, deveu-se muito à divulgação de sua obra por José Gaos.

Depois do contato com o livro de Ramos, Gaos passa a estudar e escrever sobre a obra de vários outros pensadores mexicanos³. Tal atividade se inseria no seu projeto de investigar, documentar e escrever a história do pensamento⁴ de língua espanhola, promovendo a elaboração e publicação de trabalhos sobre a história das idéias hispano-americanas. Segundo GÓMEZ-MARTÍNEZ (1991: 61), no fundo, ao reconhecer a existência de um pensamento de língua espanhola, o que Gaos propunha ia muito além de uma tentação patriótica baseada em uma comunidade lingüística. Tratava-se de uma nova concepção da filosofia que reconhecia sua própria historicidade. Assim, “a filosofia se apresenta a Gaos, preferencialmente, como um saber histórico, que converte sua filosofia da filosofia em uma história da filosofia, impregnada, como ele mesmo assinala, de um saber histórico, mas que não pode ser puro saber teórico da filosofia” (GÓMEZ-MARTÍNEZ, 1991: 64).

Num estudo sobre a contribuição metodológica de Gaos para a história das idéias na Hispano-América, Estela Fernández de Amicarelli destaca de que maneira, em Gaos, a história das idéias surge como uma forma cultural de auto-afirmação do sujeito latino-americano e como caminho para a filosofia mexicana, em particular, e para a hispano-americana, em geral (FERNÁNDEZ DE AMICARELLI, 1990: 26). Segundo essa autora, em tal redescoberta da história, a despeito de Gaos ter partido do circunstancialismo de Ortega, “sua interpretação se fundamenta em uma radicalização do historicismo, pela qual a história é recriação do passado e criação do presente e do futuro. Isto é possível graças à mediação e à presença do sujeito no método proposto pelo autor” (FERNÁNDEZ DE AMICARELLI, 1990: 19).

³ Destacam-se, entre outros, Antonio Caso, Alfonso Reyes, Oswaldo Robles, José Vasconcelos, Justino Fernández, Edmundo O’Gorman, Leopoldo Zea. Várias obras de Gaos, dos anos 40 e 50, surgirão desses estudos, bem como de outros sobre autores hispano-americanos não-mexicanos.

⁴ CERUTTI GULDBERG (2003: 136) chama a atenção para o fato de Gaos ter delimitado o sentido do termo *pensamento*, com o propósito de abordar os modos particulares de inserção da prática filosófica na vida sociocultural da região, refletindo sobre as relações entre filosofia, originalidade e nacionalidade. Assim, Gaos definia o pensamento como aquela expressão que “não tem por lastro os objetos sistemáticos e transcendentais da filosofia, mas se refere a objetos imanentes, humanos, que, pela própria natureza das coisas, históricas, estas não se apresentam como os eternos temas possíveis de um sistema, mas sim como problemas de circunstâncias” (GAOS apud CERUTTI GULDBERG, 2003: 136).

Dessa forma, o propósito de Gaos, dentro de sua concepção relativista e perspectivista da filosofia, era chegar ao conhecimento filosófico hispano-americano não pela via da abstração especulativa, supostamente universalista, mas pela via da sua própria e peculiar história, na direção de um universal concreto, por meio de uma história das idéias. Em termos orteguianos, fazer filosofia era fazer filosofia da própria circunstância (mexicana, hispano-americana), mas sem, entretanto, restringir-se a ela. E para elaborar essa filosofia da própria circunstância era preciso primeiramente reconhecer o pensamento filosófico hispano-americano e seu lugar no processo histórico.

GÓMEZ-MARTÍNEZ (1991: 82) considera que a obra de Gaos representa a transformação do que antes havia sido esporádico, em pensadores isolados, em um programa sistemático a ser realizado coletivamente. Vale saber, um programa com duas frentes: uma história das idéias ibero-americanas e uma filosofia do ibero-americano⁵, que, diversas no início, coincidiriam a partir de 1968 com as tentativas de formulação de um pensamento da libertação no âmbito ibero-americano. Tal programa teria sido condensado e expresso em algumas proposições elaboradas por Gaos, apresentadas num ciclo de jornadas sobre a América Latina promovido pelo *Colegio de México*, em 1943, e publicadas no ano seguinte em *El pensamiento hispanoamericano* (1944). Em linhas gerais, tais proposições prescreviam todo um conjunto de ações e estratégias de organização, institucionalização, articulação, intercâmbio, orientação, fomento, difusão e publicação dos estudos sobre o pensamento de língua espanhola.

Com a sua decisiva contribuição, do ponto de vista organizacional e de incentivo à produção e difusão de estudos no campo da história das idéias na Hispano-América, ao lado de seu esforço por lançar as bases e os fundamentos teórico-metodológicos que deveriam guiar a nova disciplina, Gaos se tornou a referência pioneira do foco mexicano desse movimento intelectual. Sob a sua orientação, formou-se toda uma geração de discípulos que iria reforçar esse foco de surgimento da história das idéias no México.

Por outro lado, a filosofia encontrou um significativo apoio institucional na Argentina, no final do século XIX, com a fundação da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. O propósito inspirador maior era o de formar profissionais no

⁵ Motivados pela orientação de Gaos, vários de seus discípulos mexicanos iriam integrar, a partir de 1949, um grupo filosófico chamado *Hiperión* (que etimologicamente significa o símbolo da união entre o céu e a terra), que se propunha a discutir os traços distintivos da “mexicanidade” ou da “filosofia do mexicano”. Fundado por Leopoldo Zea, o grupo contou ainda com a participação de Emilio Uranga, Ricardo Guerra, Joaquín Sánchez McGregor, Jorge Portilla, Luis Villoro, entre outros. Seus fundamentos foram expressos no texto-manifesto de Zea intitulado *La filosofía como compromiso* (1949).

campo da filosofia a partir da promoção de estudos das fontes clássicas, o que resultou no fortalecimento dos estudos filosóficos naquele país. Já nas primeiras décadas do século XX, desse meio surgiram destacadas expressões do pensamento argentino, tais como Rodolfo Rivarola (1857-1942), José Ingenieros (1877-1925), Alejandro Korn (1860- 1936), Coriolano Alberini (1886-1960), entre outros.

Com Rodolfo Rivarola inaugurou-se o processo de deslocamento do positivismo então reinante no meio argentino (Cf. JALIF DE BERTRANOU, 2001: 10), e sua cátedra de Ética e Metafísica, criada em 1904, marcaria o desenvolvimento posterior do pensamento filosófico em seu país. Na década seguinte, um intelectual de formação eclética, de origem italiana e radicado na Argentina, José Ingenieros (1877-1925), surgiria como um dos principais expoentes do processo de resgate do passado filosófico argentino, com a publicação de *Las direcciones filosóficas de la cultura argentina* (1914) e o primeiro volume de *La evolución de las ideas argentinas* (1918). Nessas obras, já se encontrava presente, segundo ROIG (1984: IV), o postulado alberdiano em defesa da especificidade de uma filosofia americana.

Já nos anos 20, Alejandro Korn foi o nome de maior projeção nesse meio acadêmico argentino, graças, principalmente, à publicação de *Nuevas bases* (1925) e *Filosofía argentina* (1927). Assumindo o legado de Alberdi, de quem se considerava herdeiro, Korn se propunha a renovar e revigorar a filosofia argentina, ainda que tal projeto estivesse sob uma grande influência da matriz filosófica alemã, introduzida naqueles meios acadêmicos desde a visita que Ortega y Gasset fez à Argentina em 1916. Para ROIG (1984: IV), Ingenieros e Korn teriam sido, pela via de um nacionalismo cultural expresso em uma particular apropriação da filosofia positivista, os verdadeiros fundadores da história das idéias na Argentina.

Entretanto, considerando esse mesmo período e comparando-o ao caso mexicano, os estudos filosóficos na Argentina experimentaram algumas diferenças relevantes, sobretudo no que diz respeito à forma e intensidade com que as teses de Ortega – que tanto influenciaram, de uma maneira geral, no desenvolvimento do pensamento hispano-americano – foram apropriadas e adaptadas à circunstância nacional da Argentina. De acordo com José Luis GÓMEZ-MARTÍNEZ (1991: 52),

Ortega foi, na Argentina, antes de tudo, um agitador de mentes e o promotor da filosofia acadêmica. Seu pensamento não foi compreendido pelos mestres do momento; tanto Korn como Alberini viram em Ortega o divulgador do pensamento alemão através da *Revista de Occidente* e dos livros publicados pela biblioteca de *Idéias do Século XX*. A presença de Ortega deu origem, isso sim, ao estudo

sistemático e disciplinado da filosofia européia.

A mesma opinião é compartilhada por Clara JALIF DE BERTRANOU, para quem o foco argentino foi menos rico, se comparado ao mexicano, no sentido da elaboração de uma filosofia local, da “argentinidade”. Para essa pesquisadora, a primeira visita de Ortega à Argentina, em 1916, teria dado uma nova orientação – germânica – à matriz filosófica vigente no país - predominantemente francesa -, embora sua tese do circunstancialismo não tenha provocado o mesmo impacto como no caso mexicano, no sentido de uma “indagação do próprio”. Assim, os primeiros esforços para resgatar o passado filosófico na Argentina, desenvolvidos por Ingenieros e Korn, teriam ocorrido paralelamente ao circunstancialismo orteguiano (JALIF DE BERTRANOU: 2001: 10-11).

De qualquer forma, em que pesem tais diferenças, o legado de Alberdi encontrava-se igual e fortemente presente nos contextos filosóficos mexicano e argentino, fato que já demonstra, em certa medida, o desenvolvimento paralelo de uma preocupação filosófica comum a esses países nas primeiras décadas do século XX⁶. Tal como ocorrera no México, também a Argentina presenciou, nesse período, associado a uma grande intensificação dos seus estudos filosóficos, aquele fenômeno que ARDAO (1991: XI) chamou de consolidação de uma consciência filosófica latino-americana, consciência essa que buscava valorizar a auto-reflexão sobre a produção local, revalorizando-a perante as matrizes filosóficas européias.

Seguindo a tradição que já vinha se desenvolvendo nas duas décadas anteriores na Faculdade de Filosofia da Universidade de Buenos Aires pelos mestres Ingenieros e Korn, foi o filósofo argentino de origem espanhola Francisco Romero (1891-1962) que, a partir da década de 1930, deu continuidade à consolidação de uma consciência filosófica argentina. Ele logo se converteu na principal referência do foco argentino na etapa de fundação do movimento latino-americano de história das idéias. Mais do que propriamente na esfera de sua produção filosófica individual – a propósito bastante significativa⁷, ou na de estudos

⁶ Interessante observar que Ingenieros e Korn, por exemplo, já haviam publicado seus principais estudos no campo do pensamento argentino antes mesmo da chegada de Gaos ao México, em 1938, ou ainda da publicação do livro clássico de Samuel Ramos, em 1934, quando nem sequer se havia constituído o foco mexicano de história das idéias.

⁷ A posição filosófica de Francisco Romero esteve marcada pela confluência de distintas correntes de pensamento, tais como o historicismo de Ortega (a quem dedicou um estudo publicado em 1960) e Dilthey, a filosofia dos valores de Max Scheler, bem como a fenomenologia, que o levaram a desenvolver o que denominou “filosofia do espírito”, na qual ele destaca a sua tese da intencionalidade do psiquismo humano. Em sua ampla produção filosófica mais geral destacam-se as seguintes obras: *Filosofía Contemporánea* (1941), *Filosofía de la persona y otros ensayos de la filosofía* (1944), *Papeles para una filosofía* (1945), *Filósofos y Problemas* (1947), *Filosofía de Ayer y de Hoy* (1947), *El hombre y la cultura* (1950), *Teoría del hombre* (1952), *Qué es filosofía* (1953) e *Historia de la filosofía moderna* (1959).

sobre o pensamento argentino e ibero-americano⁸ –, talvez a grande contribuição desse filósofo argentino tenha sido precisamente no campo da articulação, orientação, incentivo e difusão da história das idéias em seu país.

Romero realizou um trabalho que, ao menos nesse sentido e guardadas as devidas proporções, revela certas semelhanças com o que foi desenvolvido por Gaos, no México. Sem contar ainda seus aportes significativos para o debate teórico-metodológico no seio do movimento, particularmente em *Estudios de historia de las ideas* (1952). Para ZEA (1945: 1), Francisco Romero “insistiu na necessidade de a Ibero-América começar a se preocupar com os temas que lhe são próprios, com a exigência de ir até a história de sua cultura e extrair dela os temas de uma nova preocupação filosófica”.

Além do relevante trabalho acadêmico que já vinha desenvolvendo na Universidade de Buenos Aires, a contribuição de Romero para a constituição do foco argentino da história das idéias foi decisiva, sobretudo a partir de 1940, quando ele funda, no *Colegio Libre de Estudios Superiores*, um centro filosófico que denomina *Cátedra Alejandro Korn*. Nela, Romero daria início a um ousado projeto de produção e publicação de estudos sobre as histórias nacionais da filosofia nos diversos países ibero-americanos⁹.

Tal iniciativa de Romero confirmaria o paralelismo entre os focos argentino e mexicano. Coincidentemente, a fundação da sua Cátedra ocorre exatamente no mesmo ano da fundação do Seminário de José Gaos, no México, ambos com o propósito de difundir a história das idéias e do pensamento filosófico de seus respectivos países e da América Latina em geral¹⁰. Para ARDAO (1991: XII), Romero e Gaos abriram, assim, uma nova era na história da filosofia na América Latina:

Não eram senão iniciais os passos que davam então em seus respectivos magistérios americanistas. Nem acordo prévio, nem sequer conhecimento mútuo de propósitos ou de programas. Não obstante, uma conseqüência notável – para além do condicionamento obrigatório da época – foi o estrito paralelismo de ambos e até a contemporaneidade fundacional no terreno institucional e acadêmico. (ARDAO, 1991: XII-XIII)

⁸ Tais como *Alejandro Korn* (1940) e *Sobre la Filosofía en América* (publicado em 1952, mas escrito em 1940). De grande importância foi também a publicação no jornal *La Nación* de Buenos Aires, em 1940, do seu ensaio intitulado *Sobre la filosofía en Iberoamérica*, que foi incluído posteriormente no livro *Filosofía de la persona* (1944).

⁹ Tal projeto de publicação contou com o apoio da Editorial Losada, de Buenos Aires, e, mais tarde, da Fondo de Cultura Económica. A propósito, GÓMEZ-MARTÍNEZ (1991: 74) traça um interessante panorama da indústria editorial na Ibero-América daquele momento.

¹⁰ Cabe destacar aqui a importância fundamental de certos espaços institucionais, como as cátedras de filosofia das universidades do México e de Buenos Aires, além do *Colegio de México* e do *Colegio Libre de Estudios Superiores* da Argentina. Locais privilegiados de debate, reflexão, fomento e desenvolvimento de estudos sistemáticos sobre o pensamento e a filosofia ibero-americana, tais espaços se converteram no berço principal do movimento latino-americano de história das idéias.

Segundo ARDAO (1991: XII-XIII), o ano de 1940 representou o momento em que o problema teórico da filosofia americana teria se colocado no primeiro plano como uma preocupação continental, ainda que já houvesse uma crescente inquietude pelo passado filosófico hispano-americano. Na verdade, como vimos, antes mesmo de 1940, algumas iniciativas isoladas já expressavam tal inquietude, como é o caso, por exemplo, dos trabalhos do mexicano Samuel Ramos e dos argentinos José Ingenieros e Alejandro Korn, todos publicados nas décadas anteriores. De fato, entre fins do século XIX e o início do XX, a historiografia das idéias e, dentro delas, em particular, das idéias filosóficas, se generalizou nos principais centros culturais do continente, numa profunda vinculação com a problemática da identidade nacional (ROIG, 1993: 14). Entretanto, a crise européia diante da Segunda Guerra Mundial, com suas conseqüências no campo das idéias, iria se somar a tais inquietudes, produzindo um terreno fértil para acelerar e unificar definitivamente esse processo de auto-reflexão filosófica na esfera da América Latina.

A partir dos anos 40, as iniciativas pioneiras de Gaos e de Romero iriam paulatinamente se integrar num amplo movimento de história das idéias que logo alcançaria uma amplitude continental¹¹, não apenas pela ação direta desses dois filósofos, mas, sobretudo, pela ação coordenada de sucessivas gerações de seus discípulos, diretos ou indiretos, espalhados por vários países latino-americanos.

Fontes e Referências Bibliográficas

ARDAO, Arturo. Prólogo. In: ZEA, Leopoldo. *La filosofía como compromiso de liberación*. [Antología] Selección, cronología e bibliografía: Liliana Weinberg de Magis y Mario Magallón. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1991, p. IX-XXIX.

CERUTTI GULDBERG, Horacio; MAGALLÓN ANAYA, Mario. *Historia de las ideas latinoamericanas ¿Disciplina fenecida?* México: Casa Juan Pablos, Universidad de la Ciudad de México, 2003.

¹¹ Entretanto, Roig identifica em Gaos e Romero, respectivamente, a expressão de dois diferentes modos políticos de inserção da história das idéias. No caso de Gaos, a história das idéias se inseria dentro de uma perspectiva nacional e continental, com um forte sentido “hispanizante” e “latino-americanizante”, enquanto a perspectiva de Romero se colocava dentro de um “pan-americanismo”, que atendia a distintos ideais de unidade continental (alguns inclusive em contradição com as posições políticas de autonomia dos países hispano-americanos). Assim, dessas duas posições iniciais, a de Gaos e daqueles que compartilharam essa mesma linha de pensamento tornaram-se mais fecundas (ROIG, 1993: 19).

FERNÁNDEZ DE AMICARELLI, Estela. José Gaos y la ampliación metodológica en Historia de las Ideas. *Cuadernos Americanos. Nueva Época*. México, UNAM, Año IV, Vol. 2, nº 20, marzo-abril 1990, p. 19-33.

GAOS, José. *En torno a la filosofía mexicana*. 2 vols. México: Porrúa y Obregón, 1952.

_____. *Filosofía de la filosofía e historia de la filosofía*. México: Editorial Stylo, 1947.

_____. Carta abierta a Leopoldo Zea. In: Zea, Leopoldo. *Filosofar a la altura del hombre. Discrepar para comprender. Cuadernos de Cuadernos*, 1993, 129-133.

GÓMEZ-MARTÍNEZ, José Luis. _____. Una influencia decisiva: el legado de José Gaos al pensamiento iberoamericano. *Cuadernos Americanos. Nueva Época*. México, UNAM, Año V, Vol. 1, nº 25, enero-febrero 1991, p. 49-86.

JALIF DE BERTRANOU, Clara. (comp.) *Semillas en el Tiempo. El latinoamericanismo filosófico contemporáneo*. Mendoza: EDIUNC, 2001.

ROIG, Arturo Andrés. *Historia de las ideas, Teoría del discurso y Pensamiento latinoamericano*. Bogotá: Universidad de Santo Tomás - Ediciones USTA, 1993. [Reedição de *Análisis. Homenaje a Arturo Andrés Roig*. Bogotá: Universidad Santo Tomás, vol. XXVIII, números 53-54, 1991].

_____. La “Historia de las Ideas” cinco lustros después. Estudio introductorio de la edición facsimilar de los números 1 y 2 de la *Revista Historia de las Ideas*. Colección de Revistas Ecuatorianas. Quito: Banco Central del Ecuador, 1984. [Editorial Casa de la Cultura Ecuatoriana. Instituto Panamericano de Geografía e Historia. n. 1, Quito, 1959, p.I-XLII].

ROMERO, José Luís. *Estudios de Historia de las Ideas*. Buenos Aires: Losada, 1953.

SANTAMARÍA GARCÍA, Antonio. El legado filosófico de José Ortega y Gasset en América Latina. José Gaos y el movimiento de Historia de las Ideas. *Anuarios de Estudios Americanos*, Escuela de Estudios Hispano-Americanos de Sevilla, Tomo I, nº 2, 1993, p. 279-308.

ZEA, Leopoldo. *En torno a una filosofía americana*. México: El Colegio de México, 1945.

[Disponível em Edición digital. Proyecto Ensayo Hispánico:

<http://www.ensayistas.org/antologia/XXA/zea/index.htm>]

_____. José Gaos. *Cuadernos Americanos. Nueva Época*. México, UNAM, Año XIV, Vol. 1, nº 79, enero-febrero 2000, p. 13-57.